

# A morte como recurso para o não dito em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

JOSIANE BORGES SOARES\*  
MAGDA MEDIANEIRA DE MELLO\*\*

**RESUMO:** O presente artigo teórico tem por objetivo percorrer o tema da morte como recurso para o não dito, por parte do protagonista, Brás Cubas, na obra machadiana: *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Esta pesquisa, de cunho exploratório e qualitativo, com aporte teórico-literário e psicanalítico, buscou retratar o tema da morte, através dos interlaços entre a Psicanálise e a Literatura. Os resultados indicam que o fenecimento permitiu ao protagonista um valor simbólico que não obteve em vida e lhe autorizou um discurso em primeira pessoa. Conclui-se que o não dito é interpretado pelo leitor. Este cria, a partir de sua subjetividade, uma obra, aceitando uma linguagem única. Esta não revela algo desintrincado, mas que permite ao sujeito colocar em palavras algo de sua singularidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Machado de Assis; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; Morte; Psicanálise.

**ABSTRACT:** This paper analyzes the theme of death as a resource to the unspoken used by the protagonist of *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, by Machado de Assis. By using literary theory and psychoanalysis as a theoretical framework, this research shows that Brás Cubas' death gave him a symbolic value he did not get in life and allowed him to narrate in first person. This study concludes that the unsaid is interpreted by the readers, so each of them creates, from his/her subjectivity and uniqueness, a work by accepting a divergent language, which does not reveal something linear, but allows the subject to put into words something unique.

**KEYWORDS:** Death; Literature; Machado de Assis; Psychoanalysis; *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*.

---

\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Universidade de Caxias do Sul – UCS – 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil. E-mail: josibsoares@gmail.com.

\* Curso de Psicologia – Centro Universitário da Serra Gaúcha - FSG – 95020-472 – Caxias do Sul – RS – Brasil. E-mail: magdamello23@gmail.com

## Introdução

Este trabalho, intitulado “A morte como recurso para o não dito em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, visa a abordar os aspectos relacionados à morte do protagonista da obra (Brás Cubas), relacionando a interligação entre a Literatura e a Psicanálise. Também se buscou promover uma reflexão acerca da importância da Literatura para a Psicanálise, bem como da Psicanálise para a Literatura. Cabe questionar os aspectos tanáticos envolvidos na obra literária, que retratam o valor simbólico que a morte autorizou ao personagem principal.

A obra machadiana retrata a cultura brasileira do século XIX, mas pode ser considerada uma obra que traça a desfaçatez da natureza humana e, assim, constitui fatias da vida que avançam além de seu tempo, tornando Machado de Assis um escritor autônomo e completo, que privilegia o psicológico e as nuances subjetivas do homem. Em sua obra, ele investe no desvendamento interno das personagens, com vistas a desmascarar a hipocrisia destas, e nisso reside sua ironia (MARTINS, 2008).

A escrita deste artigo buscou contemplar o tema da morte, como forma de existir e de colocar em palavras um desejo. Esse desejo foi expresso por parte do protagonista da obra e, ao mesmo tempo, é tema de investigações, em noções psicanalíticas. Mostrou, também, os interlaços entre a Psicanálise e a Literatura, devidamente comprovados através de pesquisa.

O notável é que Machado de Assis faz referência à ambiguidade do inconsciente, sem ter tido contato com as teorias psicanalíticas. Machado publicou suas obras antes mesmo de Freud ter apresentado sua visão psicanalítica ou publicado seus primeiros escritos. (MELLO, 2016). Enquanto Freud adentra em estudos científicos sobre o inconsciente, escritores literários, com sua sensibilidade, percebem que aspectos sociais, como a morte, estão sendo “desestimados” e vistos como algo distante da vida. Em uma sociedade centrada no produzir e no industrializar-se, o humano parece não ter espaço.

Durante o século XIX, no campo das artes, os movimentos românticos e realistas retrataram o tema da morte (especialmente na pintura e literatura). No primeiro movimento, a morte assume uma perspectiva idealizada, com forte influência das emoções; no segundo, a morte é tratada como uma poderosa crítica em relação às péssimas condições sociais da população.

A literatura pode ser utilizada como um recurso que revela os valores sociais inseridos e reconhecidos pelos indivíduos em seu tempo, ou seja, em seu contexto histórico, cultural e familiar. Machado, em suas obras, revelou traços da alma humana com ironia, e isso o tornou um escritor atemporal, reconhecido como um escritor completo, pois produziu diferentes gêneros literários.

O escritor, através da literatura, revela uma forma de questionar e apontar algo que pode ter sido recalcado e que ele desconhece. Na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1994), o protagonista “Brás Cubas” nomeia-se como um defunto-autor, ou seja, a morte lhe dá o valor simbólico que não obteve em vida; logo, um morto pode apresentar em primeira pessoa traços de sua vida de desilusões e ceticismo, sem precisar resguardar nada ou ninguém, ou seja, a morte autoriza a evidenciar seu desejo.

O notável é que Machado de Assis escreve sobre a arte como forma de sublimação e/ou modo de proporcionar espaço de fala, para possibilitar manifestações inconscientes, sem ter estado em contato com a teoria de Freud. Suas obras antecedem o surgimento da Psicanálise e as asseverações freudianas sobre a morte.

Um escritor à frente de seu tempo nos apresenta a morte como recurso para nomear algo que não fora transformado em palavras durante a vida, mas que, na morte, pode se tornar real; então, seria a morte um recurso para sair do não dito, na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Diante dessa indagação, a pesquisa procurou investigar as intersecções entre Psicanálise e a Literatura e pontuar questões relacionadas aos aspectos tanáticos envolvidos na obra literária, que retratam um valor simbólico que a morte conferiu ao protagonista. O desenvolvimento da pesquisa fundamentou-se na perspectiva psicanalítica e literária. O modelo psicanalítico permite construir certa legibilidade real, mas de fachada, uma vez que o conteúdo se esconde por trás das malhas do inconsciente. Para a psicanálise o romance tem estrutura de metáfora, diz o que diz, o que o autor quis conscientemente dizer, e diz outra coisa, onde se aloja o prazer da leitura conforme as leis próprias de cada leitor. A complexidade da leitura das obras literárias do ponto de vista psicanalítico foi um legado, um caminho aberto por Freud e se mantém na atualidade. Por outro lado, para Barthes (1999), linguista, materializar o texto transformando-o em prazer, significa aproximá-lo dos prazeres da vida e em fazê-lo entrar no catálogo pessoal de nossas sensualidades, seja em abrir no texto a brecha da fruição, da perda subjetiva, identificando então este texto com os momentos mais puros da perversão, com seus locais clandestinos. Como podemos observar, Literatura e Psicanálise se unem pela arte e pelo prazer, pelo simbólico e pela palavra, sem dúvida, pela sexualidade. Na obra machadiana aqui trabalhada, literatura e psicanálise procuram contemplar o tema da morte como recurso para o não dito, por parte do protagonista da obra (*Brás Cubas*); as intersecções procuram promover uma reflexão acerca da importância da Literatura para a Psicanálise, bem como da Psicanálise para a Literatura. Machado de Assis instiga a curiosidade dos leitores com seu enigmático personagem, provocando o prazer em quem lê.

Para a efetivação da pesquisa, optou-se pela abordagem teórica de caráter exploratório, a fim de não restringir a pesquisa a determinados campos e, assim, acessar o maior número possível de materiais disponíveis.

## **Relembrando o personagem**

Brás Cubas é um homem rico e solteiro que, após sua morte, resolve voltar-se à tarefa de narrar sua trajetória de vida. Diante da condição de defunto-autor, ele expõe convicções sem se preocupar com o julgamento que os vivos podem fazer ao elaborar sobre sua pessoa. Sobre sua infância, menciona apenas o contato com um colega de escola, Quincas Borba, e o comportamento do menino “endiabrado”, por maltratar o escravo Prudêncio e atrapalhar os amores adúlteros de uma amiga de família, Dona Eusébia. Da adolescência, menciona seu envolvimento com uma prostituta de luxo (Marcela).

Na fase adulta, após retornar de uma temporada de estudos na Europa, vive uma fase de moço venturoso, instável e desajuizado. O protagonista, Brás Cubas, envolve-se novamente com Virgília, uma namorada da adolescência, que é agora a esposa do político Lobo Neves. O caso de adultério se estende por muitos anos e se desfaz de maneira banal. Após seu rompimento com a amante, Brás Cubas se interessa por Nhã Loló, parenta de seu cunhado Cotrim, mas a morte da moça por adoecimento suspende seus planos de casamento.

Brás nunca casou e se dedica à carreira política, que exerce sem maestria, bem como diversas ações em vida, as quais pratica sem nenhum deleitamento ou declaração de desejo. A conclusão final de Brás Cubas, no desfecho da obra, ou seja, após sua morte, é tão obscura e ambivalente quanto fora sua própria vida. O protagonista conclui sua trajetória narrativa com ironia e com uma visão cética sobre seu legado, afirmando: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

### **Entrelaços entre Literatura e Psicanálise**

O texto literário nos mostra que o sentido excede o texto, pois existe falta de consciência em alguma parte. O fato literário vive de resguardar em si parte inconsciente; em resumo, a Literatura transporta parte de inconsciência, já que a Psicanálise aborda o inconsciente em sua essência. Somos, então, seduzidos a aproximar ambas e até a confundi-las (BELLEMIN-NOËL, 1983).

A Literatura e a Psicanálise são campos especiais para analisar tudo o que vai além da aparência, além do dito. Se a Literatura é a mimética do verossímil, um testemunho inscrito, e se a Psicanálise possui um saber e uma prática baseada na linguagem do sujeito, ou seja, uma prática baseada na lógica estrutural discursiva do indivíduo, já antecipada a relevância de as consolidarmos na prática (MONTEIRO, 1997).

No capítulo final da obra machadiana aqui referida, o protagonista encerra sua narrativa como encerrara sua vida, ou seja, mostra-se cansado e parece estar se despedindo muito tarde; ele morre com a angústia que o consumira durante a vida, mas já “no outro lado” afirma ter percebido que morrerá com algum saldo. Vejamos um fragmento da narrativa:

[...] Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não ter comprado o pão com o suor do meu rosto [...]. [...] qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar do outro lado do mistério, achei-me com o pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria [...] (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 243).

Mello (2016, p. 3), em seu artigo: “Aspectos tanáticos no Conto Pai Contra Mãe de Machado de Assis: retratos da violência”, explica que a visão psicanalítica entende que a energia desligada, sem representações, trabalha silenciosamente a favor da destruição e se manifesta como compulsão à repetição – é efeito da pulsão de morte. Em literatura, as forças

de Eros e Thanatos estão presentes na criação de cenários, personagens, imagens, enredos e palavras, o que se comprova com o fragmento citado anteriormente.

No fragmento citado percebemos que o defunto Brás Cubas revê sua existência e ironiza a falta de sentido da vida. Ele procura, através da morte, que é uma temática universal, demonstrar a fragilidade humana. Ele apresenta uma maneira de mostrar como sua realidade pode ser vista, sem amores idealizados e fantasiosos. O mundo interno do protagonista é apresentado e trazido para o primeiro plano como algo real, vivido e sentido.

É pela literatura que o sujeito toma consciência de sua humanidade e é através dela que se pensa e se fala, pois a língua aprendida nas relações com os outros sujeitos do mundo só serve para agir, perguntar, responder e para viver. Com o texto literário, o homem realiza indagações sobre si, seu destino, sua história e sobre seu funcionamento mental e social (BELLEMIN-NOËL, 1983).

Na obra de Freud *Escritores criativos e devaneios* (1908-1996), o autor evidencia a importância da infância para estabelecer os elementos criativos e imaginários do artista. Freud aponta que o poeta, assim como a criança, cria um mundo de fantasia, leva-o a sério, investe nele emoções, mas o diferencia da realidade, sendo essa uma idealização, uma forma de sublimar. Para ele, a criação literária é uma forma substitutiva do brincar. Na criação literária, o escritor pode descortinar suas fantasias, torná-las possíveis a outros (leitores), exercendo seu desejo e revelando-o para si e para o outro/leitor (FREUD, 1908-1996).

Ao brincar com as palavras, o escritor revela não o que é sério, mas o que é real, pois, apesar de toda a emoção “catexizada” nas personagens, ele a diferencia da realidade. Essa amarração é tudo o que, segundo o autor, repara o “brincar infantil” do “fantasiar” que é preservado na linguagem. O não dito é interpretado pelo leitor. Cada leitor cria, a partir da subjetividade e da singularidade, sua própria obra (FREUD, 1908-1996).

O texto literário ultrapassa seu autor, sua época e seu discurso linguístico, por um longo período, assim como o reconhecimento da Psicanálise. Em parte, graças a ela, a apreciação da originalidade do literário foi algo trabalhoso. Foi preciso aceitar uma linguagem diferente, a qual não diz o exato e o verdadeiro que parecia dizer. Da mesma forma, o psíquico não é algo unitário com divisões lineares, a estrutura das grandes obras não pode ser definida como a assimilação e transmissão de uma única mensagem, com um único sentido evidente (BELLEMIN-NOËL, 1983).

A arte é um espaço que permite a afloração do inconsciente, e a Psicanálise é o reconhecimento desse inconsciente, que proporciona uma leitura do homem e o conhecimento de sua alma humana, é uma forma de acolher a dimensão do não racional, algo desvelado ao inconsciente (MENESES, 1995).

Literatura e Psicanálise convergem para um mesmo campo, o da falta, e esta sustenta a relação leitor-leitura; não para tamponar, mas para provocar a virtualidade interpretativa que irá gerar mais falta. O mundo deixa a desejar, e as palavras são o registro de uma presença feita de pouquidade (MONTEIRO, 1997).

O autor, ao escrever uma obra literária, revela suas esquisitices, fantasias; os traços de sua origem. O escritor imaginativo pode ser comparado a um “sonhador” em plena luz do

dia, que, ao sonhar, revela sua invulnerabilidade, pois no sonho nada poderá lhe acontecer. Freud foi pioneiro ao afirmar que a Literatura precede a Psicanálise e, com essa visão, passou a estudar e analisar o texto literário, que assegura muito dos conceitos psicanalíticos os quais foram revelados, primeiramente, no fazer literário (FREUD, 1908-1996).

A psicanálise permite formas de se embrenhar no Inconsciente e, assim, propicia ao sujeito diferentes maneiras para nomear e narrar sua infinitude em primeira pessoa; logo, a Literatura e a Psicanálise revelam a singularidade humana, pois mesmo dentro da fantasia da obra literária, o sujeito-leitor pode atribuir seus significados ao enredo e à obra, tal qual o faz com seus próprios conteúdos, durante o processo analítico (FREUD, 1908-1996).

A Literatura é a arte da palavra; a Psicanálise trabalha com o discurso do analisando; a efetividade do trabalho psicanalítico opera através da eficácia da palavra. Esse trabalho vincula inteligência e sensibilidade, no entroncamento do mental e do afetivo em que a palavra atua como algo mágico. É fantástico que o analista não toque no paciente e, mesmo assim, surjam mudanças estruturais profundas em nível interior, que podem repercutir para o orgânico/físico (MENESES, 1995).

A Psicanálise e a Literatura convivem com as possíveis verdades que o homem não se cansa de buscar e, assim, ele vai decifrando caminhos e criando novas alternativas que passam por oposições, prejulgamentos e deturpações. Freud e Lacan contribuíram para defender a arte psicanalítica, afirmando a impossibilidade de objetivar e delimitar a prática da análise, que de forma singular autoriza o falar sem restrições e um pensamento livre fora do refratário (KUHN, 2012).

### **A ética da Psicanálise e a narrativa**

A narrativa está em todos os tempos, lugares e sociedades e inicia com a própria história da humanidade. Ao narrar diferentes fatos, sejam eles reais ou imaginários, o sujeito está estabelecendo um local de palavra e, assim, insere algo novo e singular à sua linguagem (BARTHES, 1985).

No vocábulo *narrativa* é definido como: “história, narração, conto, modo de narrar, o por fim”. A origem etimológica dessa palavra é derivada do verbo *narrar*, cuja etimologia provém do latim *narrare*, que diz do ato de contar, relatar, expor um fato e/ou história (HOUAISS, 2001).

Atualmente, podemos afirmar que narrativas revelam o alinhamento dos narradores com indivíduos, grupos, ideias e símbolos, através dos quais estes externalizam seus valores e, assim, carregam características multidisciplinares (OROFINO; OLIVEIRA, 2014).

Freud foi pioneiro na utilização das narrativas na clínica psicanalítica. Ele encontrou material satisfatório para utilizar e contribuir com suas teorias e seu caráter narrativo, afirmando que a Literatura antecede e assegura as descobertas psicanalíticas, uma vez que revela as nuances subjetivas do humano (FREUD, 1908-1996).

A regra fundamental para a Psicanálise é a escuta atenta, mas sem se ater à ideia de lembrar-se dos fatos, ou seja, o analista deve conter suas influências conscientes e abandonar-

se inteiramente à memória inconsciente. Por essa razão, não há necessidade de escritos analíticos como assistência aos pacientes, pois estes podem aprender por experiência pessoal e, assim, adquirir conhecimento mais amplo e valioso do que toda a literatura psicanalítica pode lhes transmitir (FREUD, 1912-1996).

As palavras do dia a dia reunidas, de certa forma, adquirem a magnitude de sugerir algo imprevisível, desconhecido. Os escritores são pessoas que, ao escrever, falam, sem saber, de coisas que de modo literal desconhecem; portanto, o poema sabe mais que o poeta (BELLEMIN-NOËL, 1983).

A narração inscreve a experiência em uma temporalidade não do acontecido, mas a da lembrança; a narrativa inaugura uma temporalidade que, ao repetir-se e variar-se, torna a renovar-se (SARLO, 2007).

A narrativa, na Literatura, é a narrativa do humano; ao escrever o escritor revela fatos relacionados à tradição e à cultura de seu tempo. O arquétipo fundamental para a compreensão das obras de arte vem de Freud e consiste na simbiose da criança com a mãe. A obra de arte guarda a memória dessa fonte primária e tenta recuperá-la, porém esse objeto perdido é inatingível. O autor reproduz, na sua escrita, não apenas seus desejos inconscientes, mas os desejos de uma sociedade, sua história e suas ideologias. Quando o escritor escreve, o faz para o leitor e para ser reconhecido pelo Outro (WILLEMART, 1995).

A Psicanálise e a Literatura são ficções que têm como instrumento fundamental as narrativas, tanto as faladas quanto as escritas. Logo, ambas podem, como “lugares”, possibilitar a expressão e, conseqüentemente, a constituição de novas subjetividades. No espaço analítico, há um psicanalista (outro) que escuta e que pode intervir nos momentos de fala (MENDES; PRÓCHNO, 2006).

Na literatura, podemos concluir que a sublimação não garante a ressignificação do sofrimento psíquico, pois muitos escritores cometem o suicídio, no auge de suas produções literárias (CARVALHO, 2001).

Ao recordar traços de sua história, o sujeito pode identificar seu ponto de repetição e elaborar o conteúdo manifesto, passando a ressignificar o que fora colocado em palavras para não atuar (*act-out*), ou seja, não passar ao ato (FREUD, 1914-1996).

## **A morte como recurso para o não dito em Memórias póstumas de Brás Cubas**

Em um dos primeiros trechos da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o protagonista, Brás Cubas, descreve sua morte como algo menor do que ele esperara em vida, mas atribui a essa um prestígio irônico, digno de uma obra machadiana:

Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia a imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 57).

Machado, nesse trecho, revela o quanto o escrito literário pode embrenhar-se na mente do protagonista, sem a pretensão de atribuir a essa uma nomenclatura, ou uma forma, talvez reduzida, de nomear algo com uma visão clínica. No seu estilo próprio, a morte é apresentada ao leitor como desconstrução da vida, através de Brás Cubas. Diante de sua finitude, a personagem principal percebe que a morte lhe autoriza a revelação de tudo e de coisa alguma.

A morte é algo “impossível” quando nos deparamos com o pensar de nossa própria morte; segundo Kübler-Ross (1998), a morte é algo inconcebível para o inconsciente, pois imaginar um fim real para nossa vida na Terra, se esta tiver um fim, está sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance, algo que clama por recompensa ou castigo, visto que não podemos distinguir desejo e realidade no Inconsciente.

Ao abordar o tema da morte, Kovács realiza alguns questionamentos:

Considerando nossa existência terrena, quanto tempo viveremos e como será nossa vida? Teremos controle e poder sobre o nosso existir? Teremos o direito de saber sobre a nossa morte, como e quando será? Podemos nos preparar para esse momento? Estamos rodeados por um tecido cultural que determina, até certo ponto, como viveremos e como morreremos. Qual é o grau de liberdade, de ação, dentro desse tecido ou rede de valores, significados e representações? As perguntas continuam: por que pessoas jovens e saudáveis morrem rapidamente e pessoas idosas não o fazem? Por que pessoas adormecem e morrem no silêncio do sono, e outras lutam e se debatem até o último momento, com dores e sofrimentos atrozes? Por que pessoas se escondem da morte, não querem nem ouvir falar sobre o assunto? E por que outras riem, fazem piada sobre temas escatológicos? Por que tantos filmes sobre a morte, nos títulos ou na sua temática? Por que a morte exerce tanto fascínio sobre algumas pessoas, a ponto de seduzi-las? Por que é musa inspiradora de tantos: músicos, poetas, escritores, profissionais de saúde e educação? Tantas perguntas têm assoberbado a humanidade durante os tempos. Respostas foram trazidas pelas religiões, ciências, artes, filosofias, entretanto, nenhuma delas é completa e universal. São incompletas, embora possam ser, para algumas pessoas, num dado tempo, o que buscam, oferecendo, mesmo que provisoriamente, um sentimento de totalidade (KOVÁCS, 2005, p. 485-486).

A morte sempre será material profícuo para análise, seja a partir de algo orgânico ou de algo que emerge como conteúdo genuíno do aparelho mental, seja do corpo pulsional com o entorno social, em que a morte pode estar dissociada de seu caráter trivial, para ganhar ênfase na imaginação de formas irrepresentáveis ou na nomeação de afetos insuportáveis (LABAKI, 2012).

Na obra *Reflexões para o tempo de guerra e de morte* ([1914- 1916]-1996), Freud relata a atitude humana diante da morte e afirma ser impossível imaginar a própria morte, pois, ao tentarmos fazê-lo, nos vemos enquanto expectadores, uma vez que, para o humano, não há como crer em sua própria morte, visto que, no inconsciente, estamos convencidos de nossa imortalidade.

O homem procura encontrar formas de ressignificar e compreender a morte, buscando recursos para se proteger da ideia de sua finitude. O ser humano reconhece que a morte é algo

inevitável; no entanto, o desaparecimento da matéria proporciona construções derivadas de que a alma é que contém o germe da imortalidade, sendo que este permite ao humano recusar o caráter de finitude diante da morte do corpo (LABAKI, 2012).

O homem não pode saber o que é a morte, em nível inconsciente ou consciente, pois no inconsciente há apenas representações de desejos e afetos, cuja função é responder às frustrações que a realidade impõe à realização de nossos desejos, fazendo-nos viver a experiência de seres faltantes, nos quais a morte é apenas a máxima atualização (GREEN, 1988).

Os seres mortais buscam o significado da vida através de suas vivências e elaborações, com base nas várias mortes ao longo da vida, recheadas de ambivalências. Diante de um sofrimento visto como sem saída, quando só a morte se configuraria como possibilidade, podem ocorrer reviravoltas e da morte emergir uma nova vida com mais vigor (KÓVACS, 1996).

O tema da morte assegura que as perdas têm um significado singular para cada sujeito, ou seja, cada um há de se haver com a singularidade de sua história e com a qualidade da relação do objeto perdido; uma perda ressignifica outra sucessivamente, pois o sofrimento é proporcional ao investimento que havia no que já fora perdido (MELLO, 2007).

A fuga *a posteriori*, diante de uma situação de luto, é uma defesa possível, como forma de preservar o Ego, mantendo as atividades e realizações; essa é uma forma de não perecer ao desespero, preservando o valor próprio e a autoestima. O processo de luto precisa se instalar, mesmo sem uma morte concreta (KÓVACS, 1996).

Freud afirma, em sua obra *Mal-estar na civilização* (1929), que uma das ameaças do sofrimento humano vem do nosso próprio corpo, o qual está condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência (FREUD, 1929-1996).

Neste sentido, ao rever a própria vida, o sujeito reconhece e aceita suas limitações, seus fracassos e sua criatividade e, assim, vive real e intensamente o restante de sua vida, e morre em paz (KOVÁCS, 2008).

O psicanalista pode lutar pela vida, enquanto ser humano e profissional; no entanto, a Psicanálise aponta que a melhor forma de lutar em desfavor da morte é revigorando a vida e, assim, evitar juízos de valor, aconselhamentos, condicionamentos, formas educativas ou qualquer outro modo que não seja fazer o sujeito tomar consciência do inconsciente, pois algo recalcado pode boicotar, interditar, ou dificultar a vida (CASSORLA, 2008).

Recorrendo à Literatura, é legitimada a demonstração da importância das formulações psicanalíticas, pois elas possibilitam o surgimento de novas ressignificações. Nos romances machadianos, percebemos que esse autor, o qual desconhecia Freud, captava as sutilezas do discurso do desejo inconsciente (FREITAS, 2001).

Machado de Assis foi genial, ao iniciar a narrativa da obra em questão, a partir da morte do protagonista, que reconta sua história e reitera sua posição, afirmando tratar-se de um defunto-autor e não de um autor-defunto. Isso revela a percepção de um protagonista que só conseguiu se libertar de suas amarras sociais diante da morte e, assim, voltar-se para

dentro de si, ou melhor, reconhecer sua subjetividade e nomear seu desejo. A Literatura permite imaginar uma morte real que, na visão psicanalítica, poderia ser tratada como morte simbólica.

## **Metodologia**

O presente estudo teórico teve por objetivo compreender a questão da morte como recurso para o não dito em vida, por parte do protagonista da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, através de uma análise crítica. Assim, foi necessária uma pesquisa teórica com caráter exploratório. Segundo Cervo *et al.* (2007), essa forma de pesquisa não necessita de hipóteses prévias, pois se restringe aos objetivos e à busca de informações, a fim de fazer relações com a problemática pesquisada. O objetivo da pesquisa exploratória foi proporcionar ao pesquisador uma familiaridade com o assunto e auxiliar na construção de hipóteses (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A abordagem para a presente pesquisa foi qualitativa, de cunho exploratório. Essa abordagem permitiu aprofundamento maior com a temática, possibilitando uma análise de fenômeno social, não se restringindo a números e dados (BEUREN, 2009).

Os conteúdos foram coletados de artigos, teses, livros e revistas, permitindo ao pesquisador, assim, o acesso a uma variedade de fontes bibliográficas que contemplam o tema escolhido (GIL, 2010).

A técnica utilizada para a realização desta pesquisa foi a de revisão de literatura. Os materiais utilizados foram: livros, revistas e artigos científicos da internet, ou seja, a utilização de trabalhos escritos já tornados públicos e disponíveis em plataformas virtuais, como Scielo e BVS Psi, a respeito do tema de estudo, recuperando o conhecimento científico já foi obtido sobre o assunto (MARCONI; LAKATOS, 2008).

A revisão de literatura busca explicar um problema a partir de referências teóricas já publicadas, constituídas principalmente de livros, monografias, teses e publicações periódicas, como jornais e revistas. Ela também tem por intuito possibilitar o conhecimento e a análise das contribuições culturais ou científicas existentes sobre um determinado assunto, permitindo ao pesquisador a cobertura mais ampla de uma gama de fenômenos (GIL, 2010).

## **Apresentação dos resultados**

A obra de ficção em questão foi utilizada como texto-base para pensar e repensar questões sobre o tema da morte em Psicanálise e Literatura. O tema da morte tem a ver com a finitude, com a castração, com aquilo que revela nossa impotência e com algo a qual nem sempre nos damos conta.

A temática da finitude, a partir da visão de um protagonista, de uma obra machadiana, com uma abordagem literária e psicanalítica, permitiu aprofundar e apresentar as correlações

entre a Psicanálise e a Literatura. Ao apresentar a narrativa de um autor que desconhecia Freud, mas conseguia obter a graciosidade de um discurso em primeira pessoa, que permite a leitura de ambiguidades de um sujeito, podemos perceber o quanto o aporte psicanalítico revela algo brilhante ao afirmar que a Literatura antecede a Psicanálise.

A literatura machadiana ou o realismo cético assinala o ceticismo machadiano como resultante de sua percepção de um ser humano desejante e permanentemente dividido entre o conhecimento e a falta deste (FREITAS, 2001).

Em busca de explicações para o sofrimento humano, Freud nomeou e aprofundou estudos científicos. Enquanto isso, literatos expressavam com sabedoria de alma, e observavam com inteligência e sensibilidade, os rumos universais da humanidade. As obras literárias foram interesse de Freud em toda sua trajetória de escrita e descoberta da Psicanálise.

Se ao menos pudéssemos descobrir em nós mesmos ou em nossos semelhantes uma atividade afim à criação literária! Uma investigação dessa atividade nos daria a esperança de obter as primeiras explicações do trabalho criador do escritor. E, na verdade, essa perspectiva é possível. Afinal, os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta (FREUD, 1908 - 1996, p. 149).

A Psicanálise, por extensão, pode, ao se aproximar das produções de escritores literários, promover leituras interpretativas distintas, examinando textos da Literatura desligados de seus autores. Ela poderá oferecer uma forma interpretativa, em extensão a uma interpretação já dada pelo autor ao criar sua personagem (FREITAS, 2001).

O aspecto fundamental que se buscou analisar neste artigo foi a morte como única forma de existir por parte do protagonista. Neste momento, é necessário esclarecer como o sujeito percebe a morte para entender a relação com a visão de um protagonista literário.

Nesse sentido, durante nosso processo vital, passamos por diversas mortes, como as fases do desenvolvimento humano, separações, doenças e a psicose.<sup>1</sup> Algumas dessas são universais e outras não (Psicose). A morte concreta é algo irreversível. O sujeito pode fantasiar, temer, desejar, evitar, mas não experimentar a própria morte. O homem pode representar e intuir a morte, mas não sabemos quando nem como ela ocorrerá (KOVÁCS, 1996).

Na obra machadiana, o autor nos mostra que na Literatura é possível uma personagem possa narrar a própria morte e atribuir a ela uma forma de apresentar as antíteses sociais e psíquicas, e essa pode nos revelar aflições humanas e não algo idealizado como características do realismo. Brás Cubas partiu e não precisa se responsabilizar pelo que escreve, pois a morte o autoriza a revelar seu desejo. Ele não teme repressões, porque rompeu qualquer vínculo

---

<sup>1</sup> “[...] O aparecimento do termo *psicose* no século XIX, vem pontuar uma evolução que levou à constituição de um domínio autônomo das doenças mentais distintas não só das doenças do cérebro ou dos nervos – como doenças do corpo. No século XIX, o termo psicose espalha-se, sobretudo na literatura psiquiátrica de língua alemã para designar doenças mentais em geral, a loucura, a alienação” (LAPLANCHE, 2001, p. 390-391).

com a vida. Machado nos mostra que somos seres polissêmicos, ambíguos, incompletos, mas acima de tudo singulares e desejantes.

Nesse sentido, a Psicanálise é um saber que pretende questionar os limites da razão, ao se valer da singularidade do indivíduo em confronto com as imposições das normas societárias (FREITAS, 2001).

Dessa forma, o escritor, ao criar suas cenas e personagens, não deixa de transferir “involuntariamente” os mesmos conflitos que “sempre se referem, em parte, à vida sexual infantil e notadamente ao complexo de Édipo e suas ramificações”. Cada escritor, porém, liga os traços mnêmicos à língua à sua maneira (WILLEMART, 1997).

Somos envolvidos na trama dos textos literários, de acordo com nossas vivências emocionais infantis ou de momentos que marcaram nosso contexto de vida. Nós gostamos ou repudiamos sem analisar ou refletir sobre a crítica epistemológica, ou a despeito dela. A similitude da arte imitar a vida faz parte do cotidiano da prática analítica (KUHN, 2012).

Dentro da leitura da escola francesa de psicanálise, Lacan afirma que o sujeito é estruturado como linguagem; logo, esse sujeito começa no lugar do Outro, pois lá surge o primeiro significante, sendo o significante aquilo que representa um sujeito para outro significante. Assim, a estrutura do significante ganha vida a partir de suas articulações e de que toda significação remete a outra significação, indefinidamente (LACAN, 1999).

Há uma falta que origina e desafia o sujeito, pois liga o desejo desse com o desejo do Outro. Resta ao sujeito conviver com essa falta. A verdade é recalcada, e o ser humano convive com isso, que constitui nosso ser como fato significante do sujeito, que nos motiva a elaborar nossa história mítica, marcada por idealizações e fantasias inconscientes as quais sofrem transformações, se mascaram, são alteradas e sofrem nossas escolhas conscientes. As criações literárias e científicas também procuram dar conta dessa falta simbólica, através do destino sublimatório das artes e da cultura (KUHN, 2012).

## **Considerações Finais**

As ligações da narrativa machadiana com a Psicanálise, em relação ao tema da morte, por parte do protagonista (Brás Cubas), nos apresentam a necessidade de se pensar o enlace entre a Literatura e a abordagem psicanalítica. Somos seres faltantes, e as palavras são uma forma de registro da presença de um sujeito que há de haver-se com suas incompletudes.

A Literatura está para a Psicanálise assim como a Psicanálise está para a Literatura, o que pode ser identificado, na obra literária abordada, a exemplo das não realizações de Brás Cubas. Machado de Assis dedicou o último capítulo dessa obra, intitulado “Das negativas”, para narrar as negativas do protagonista e mostrar que, no fim, o que permanece é o vazio de sua existência.

Assim, esse trabalho literário poderia ser a representação histórica dos caprichos de um homem que viveu cercado pela elite do século XIX e que renunciou ao seu desejo e se depara com sua incompletude, com seu vazio, diante da morte. A morte lhe possibilita

nomear seu desejo, ou seja, o fenecimento o autoriza a reconhecer seu desejo. Logo o protagonista representa traços de muitos sujeitos de sua época, caracterizando-se como uma figura metafórica.

O que está em questão não é a realização do desejo por parte do protagonista, mas, sim, o fato de conseguir reconhecê-lo e colocá-lo em palavras, mesmo diante da morte, ou seja, a finitude como recurso para colocar em palavras o não dito, ou não nomeado.

Se o material de trabalho da Psicanálise é a palavra, esta está atrelada a uma verdade que o sujeito desconhece em nível consciente; logo há sempre um sentido manifesto e um sentido latente durante o processo analítico; há algo que precisa ser interpretado a partir do que é colocado em palavras pelo analisando. E isso está relacionado à obra literária em estudo.

O objetivo principal do presente artigo foi analisar como a Literatura e Psicanálise se entrelaçam, através da abordagem de uma obra de escritor atemporal, que apresenta em sua narrativa um pensamento crítico-reflexivo, por parte de seu protagonista, acerca de sua vida e de suas realizações e que apenas diante de sua finitude é capaz de nomear seu desejo.

O ato da criação literária permite ao escritor uma forma de apresentar seu modo de ser, através de personagens as quais revelam as fantasias do autor. Este sabe que estas não são reais, mas também não podem ser negadas, no entanto, sublimadas, por meio de uma abordagem que apresenta, descreve, reflete e dialoga com o autor e suas personagens.

Na obra literária, o escritor pode expressar suas fantasias, através de uma linguagem metafórica, repleta de figuras de linguagem que revelam um não dito em suas entrelinhas, ou seja, o leitor mergulhará nesse não dito fantasioso e buscará descrevê-lo e idealizá-lo a seu modo.

Nas obras literárias, mergulha-se em um mundo fantasioso, que pode estar revelando fantasias e traços de uma história, e isso permite ao leitor certas formas de interpretação, que o fazem traçar de lineamentos do escritor, que revelam, com polissemia e ambiguidade, suas fantasias, sem sabê-lo, ou seja, o escritor apresenta seus traços fantasiosos em palavras, diferenciando-os da realidade, mas permitindo uma interpretação que é do leitor.

Assim sendo, o escritor da obra literária não tem o intuito de revelar suas questões pessoais, mas o de revelar, através da sublimação, seus conteúdos fantasiosos que foram recalçados por se tratar de um adulto.

Nesse sentido, a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* investe no desvendamento interno do protagonista, que utiliza a ironia para demarcar a deslealdade cumprida consigo durante sua existência. Ao renunciar aos seus desejos em vida, o protagonista Brás Cubas revela a hipocrisia e a natureza humana, mostrando-nos, com sua visão melancólica, que fora apenas capaz de se haver com seu desejo após a morte, pois, assim, não teria necessariamente se responsabilizar por seu discurso, na ordem do social.

Na obra, o protagonista Brás Cubas sente-se um sujeito sem reconhecimento, vivendo de forma apenas a existir, sem exercer um olhar para seu desejo. Brás Cubas não foi alguém que procurou se questionar sobre seu vazio, suas angústias, seus medos e abdições, mas, sim, renunciou a isso durante a vida. Somente depois de morto pôde reconhecer-se, nomear

suas aspirações e conflitivas de um mudo cruel. Não lhe foi permitido encontrar um discurso em primeira pessoa, ou seja, ele não conseguiu encontrar sua própria identidade de ser desejante, em vida. O protagonista revela a vasta ambiguidade humana, denunciando um prestígio o qual só poderá ser sentido na morte.

A morte do protagonista, o qual retorna como um defunto-autor, na obra em questão, apresenta-se como um recurso de fala, para nomear o que não foi colocado em palavras durante a vida. A morte figura o ser falante a partir de um lugar que o autoriza. A personagem principal renega sua existência e sua herança, para ser reconhecida como indivíduo que critica uma cultura imperativa a qual o assujeitou.

Esse modo de transitar entre social, fantasioso, polissêmico, metafórico e metonímico permite desvelar o mundo multifacetado da obra literária e seus entroncamentos com a veracidade humana, revelando as confluências entre a Literatura e Psicanálise.

SOARES, J. B.; MELO, M. M. Death as a Resource for the Unsaid in *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 9, n. 1, p. 82–90, 2017.

## Referências

BARTHES, R. *La aventura semiologica*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1985.

\_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BELLEMIN-NOËL, J. *Psicanálise e literatura*. Trad. Álvaro Lorencini; Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1983.

BEUREN, I. M. *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2009.

CARVALHO, A. C. Pulsão e simbolização: limites da escrita. In: BARTUCCI, G. (Org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

CASSORLA, R. M. S. Reflexões sobre a psicanálise e a morte. In: KOVÁCS, M. J. (Coord.). *Morte e desenvolvimento humano*. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2007.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREITAS, L. A. P. *Freud e Machado de Assis: uma intersecção entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FREUD, S. (1908) Escritores criativos e devaneios. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud*. 3. ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1996. v. 9 (Original publicado em 1906).

\_\_\_\_\_. (1915c) Reflexões para o tempo de guerra e morte. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud*. 3. ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1996. v. 14 (Original publicado em 1914).

\_\_\_\_\_. (1912) Sobre o início do tratamento (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise I) In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud*. 3. ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1996. v. 12. (Original publicado em 1912).

\_\_\_\_\_. (1914) Recordar, repetir e elaborar. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1996. v. 12 (Original publicado em 1912).

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Método de pesquisa*. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

HERRMANN, F. *A psique e o Eu*. São Paulo: Hepsyché, 1999.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. (Org.). *Manual de Produção científica*. Porto Alegre: Penso, 2014.

KOVÁCS, M. J. (Coord.). *Morte e desenvolvimento humano*. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

\_\_\_\_\_. A morte em vida. In: BROMBERG, M. H. P. F. et al. *Vida e morte: laços da existência*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

\_\_\_\_\_. Educação para a morte. Education for death. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484–497, set. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932005000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932005000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 mai. 2016.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KUHN, M. M. Desejar ou submeter-se: eis a questão. In: SOUZA, R. T. (Org.). *Literatura e psicanálise: encontros contemporâneos*. Porto Alegre: Dublinense, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LABAKI, M. E. P. *Morte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

LACAN, J. *O Seminário – Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 19. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MARTINS, A. Estudo crítico: Machado de Assis, um escritor múltiplo. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *Machado de Assis - contos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2008.

MELLO, M. *Divã: janelas para o cotidiano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

\_\_\_\_\_. Aspectos tanáticos no conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis: retratos da violência. *Darandina*, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, mai. 2016. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/anteriores/volume-8-numero-2-maio2016/>>. Acesso em: 04 ago. 2016.

MENDES, E.; PRÓCHNO, C. C. A ficção e a narrativa na literatura e na psicanálise. *Revista de Psicanálise*, v. 3, n. 185, p. 43-51, mar. 2006. Disponível em: <[http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/185\\_05.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/185_05.pdf)>. Acesso em 02 ago. 2016.

MENESES, A. B. *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MONTEIRO, V. J. *Dom Casmurro: escrita e discurso: ensaio em literatura e psicanálise*. São Paulo: Hacker, 1997.

OROFINO, M.; OLIVEIRA, J. M. Permita que eu te conte! Uma narrativa das narrativas. In: TEMPSKI, P.; MAYER, F. B. *et al.* (Org). *Narrando a vida, nossas memórias e aprendizados*. São Paulo: Atheneu, 2016.

SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

WILLEMART, P. *Além da psicanálise: a literatura e as artes*. São Paulo: Nova Alexandria/FAPESP, 1995.

Recebido em: 27/11/2016

Aceito em: 18/02/2017